



“Rap é educação”, rap e religião: propostas para o Ensino Religioso¹

“Rap is education”, rap and religion: proposals for Religious Education

Bruno de Carvalho Rocha*

Luís Fernando de Carvalho Sousa*

Resumo: Misturando ritmo e poesia, o rap, gênero musical periférico, é constantemente atravessado por questões de classe, raça e gênero. Mas a religião, ainda que passe despercebido por boa parte do público constitui-se como fenômeno significativo da linguagem, expressão da identidade periférica, tão importante quanto os outros temas e elementos mobilizados pelo rap. Assim, o objetivo deste artigo é relacionar o rap, a educação e a religião. O artigo estará dividido, portanto, em três partes: (a) um breve histórico do rap como objeto de pesquisa; (b) algumas estratégias de aproximação do rap e a religião; e por fim, (c) mostraremos o rap enquanto uma ferramenta pedagógica para novas abordagens no Ensino Religioso. Nossa hipótese é de que o rap, como fenômeno cultural, que abarca a religião como parte constitutiva da sua narrativa, potencializa processos de ensino-aprendizagem.

Palavras-chaves: Rap. Educação. Cultura. Religião. Ensino religioso.

Abstract: Mixing rhythm and poetry, rap, a peripheral musical genre, is constantly crossed by issues of class, race and gender. But religion, even if it goes unnoticed by most of the public, constitutes itself as a significant phenomenon of language, expression of peripheral identity, as important as other themes and elements mobilized by rap. Thus, the purpose of this article is to relate rap, education and religion. The article will therefore be divided into three parts: (a) a brief history of rap as an object of research; (b) some rapprochement strategies and religion; and finally, (c) we will show rap as a pedagogical tool for new approaches in Religious Education. Our hypothesis is that rap, as a cultural phenomenon, which includes religion as a constitutive part of its narrative, potentiates teaching-learning processes.

Keywords: Rap. Education. Culture. Religion. Religious education.

¹ O presente artigo é resultado da comunicação “Rap, educação e religião: um diálogo inicial”, apresentada por Bruno de Carvalho Rocha, no XVI SEFOPER (Seminário Nacional de Formação de Professores para o Ensino Religioso), no grupo de trabalho intitulado “Currículos e processo de ensino-aprendizagem do Ensino Religioso”. Agradeço também a Prof^a. Dr^a. Jaqueline Lima Santos pelas aulas ministradas na disciplina “Tópicos Especiais em Antropologia X – Hip hop Studies”, na Unicamp. Elas foram decisivas para as reflexões aqui apresentadas. O texto também é parte do trabalho de conclusão de curso apresentado por Luís Fernando de Carvalho Sousa, junto à FAVENI para a obtenção de grau de licenciatura em pedagogia (2021).

* Doutorando em Ciências da religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), Mestre em Ciências da religião (UMESP), Bacharel em teologia pela Faculdade Teológica Batista de São Paulo (FTBSP). E-mail: brunorochoa_47@hotmail.com.

* Bacharel em teologia (UMESP); mestre em filosofia (UNIOESTE). E-mail: luisffilo@hotmail.com.



Introdução

Quando se trata do rap, em geral, recorre-se ao seu sentido histórico afro-americano, assim como sua ligação com a palavra cantada. Como se sabe, o termo “rap” é originalmente traduzido por *rhythm and poetry* (“ritmo e poesia”). No Brasil, o rap como ritmo musical surgiu no começo dos anos 1980 e passou a fazer parte do cotidiano das populações de periferia como um tipo de linguagem de protesto. No passar dos anos, o rap brasileiro se estruturou para além de uma estética periférica, de discurso politicamente racializado, direcionado somente às dinâmicas do seu próprio território e de seus sujeitos. Aos poucos o gênero foi reconhecido e recebido entre as mais diversas classes sociais, sendo até mesmo produzido por quem não veio necessariamente da periferia. Conquistou e vem conquistando cada vez mais o seu lugar na indústria cultural e os seus principais agentes – não sem contradição – já não demonstram tanta resistência com os grandes meios de comunicação, empresas ou patrocínios.

Consequentemente, um novo público surgiu, bem como um novo jeito de fazer e distribuir rap se consolida dinamicamente, ao passo que os discursos e temas ganham novos contornos sem que isso represente desconexão com o “espírito” contestatório original. As mulheres, sempre presentes na cena do hip-hop, conquistam cada vez mais o seu espaço; grupos e *mc's* oriundos da comunidade LGBTQI+, como Rico Dalasan, Quebrada Queer, Rap Plus Size, Linn da Quebrada, Jup do Bairro etc., também se apropriaram do rap. O que nos chama a atenção neste processo é que a religião, assim como a militância política, a crítica ao sistema socioeconômico desigual e a constante preocupação dos rappers com um tipo de educação/ensino libertador para negros e pobres das suas quebradas, continua sendo versada, mencionada e disputada pelos *mc's*. Neste artigo, portanto, destacaremos a importância do rap para além de uma expressão musical de conteúdo político. Nosso intuito é analisar esse poderoso elemento cultural como articulador entre religião e educação, com acento no Ensino Religioso. Nossa incursão se iniciará pela contextualização do tema, passando pelas aproximações entre rap e religião, para então entender como se pode efetivar uma proposta de Ensino Religioso por meio do rap.

1. Cercando o campo: breves apontamentos sobre o rap e sua relevância acadêmica



Os estudos sobre o rap no Brasil deram seus primeiros frutos a partir da relação entre o hip-hop e a educação. O rap, “ritmo e poesia”, nasceu no seio da cultura hip-hop que é composta de quatro elementos principais: o *mc* (o cantor, o “Mestre de Cerimônia”), o *dj* (aquele que coloca a música, o “*Disc Jockey*”), o *break* (a dança) e o grafite (desenhos nos muros). A essas quatro linguagens artísticas urbanas, o *dj* novaiorquino Afrika Bambaataa – um dos pais fundadores desta cultura – estabeleceu o “conhecimento”, ou seja, a perspectiva crítico-reflexiva que circunscreveu historicamente todos os saberes/linguagens oriundas do hip-hop, como o quinto elemento dessa cultura. Assim, uma cultura juvenil hispana e afrodiáspórica, nascida e criada nas periferias dos grandes centros urbanos, uniu tecnologia, estética e protesto a fim de organizar, criativa e politicamente, territórios abandonados pelos poderes públicos locais, seja em Nova York ou no Brasil. Sem cair no erro de equiparar realidades tão distintas, aquilo que veio a ser conhecido aos poucos como hip-hop nos Estados Unidos e, que chegou até São Paulo e outras cidades do país como uma cultura negra e periférica, tornou-se uma grande “agência” de formação política, poética e humana.

O hip-hop no Brasil tem suas origens nos anos 1980. Influenciado pelos bailes *blacks* e pelo movimento negro, uma parcela da juventude oriunda de espaços marginalizados, viu na música uma oportunidade de se desenvolver “mecanismos estratégicos que possibilitaram reinterpretar a experiência juvenil nas ruas de forma positiva” (SILVA, 1999. p. 27). Tal experiência foi nutrida por uma intensa troca de informações, acessada por meio de filmes, revistas/fotos e discos variados vindos diretamente dos Estados Unidos. Ruas, praças e metrô viraram locais privilegiados de encontros, práticas e trocas. A dança, sempre acompanhada da música; a música, sempre acompanhada de ritmos e versos e os versos estampados em roupas e na paisagem urbana através de desenhos espalhados pelos muros da cidade mostraram as intersecções estético-políticas destas culturas, que aos poucos, ganharam novos espaços, públicos e incentivos no país.

O caráter simbólico e (in)formativo do hip-hop despertou interesse não só entre os jovens, que se sentiram cada vez mais acolhidos por este movimento, mas entre agentes da educação tanto em espaços formais (escolas) quanto informais (projetos



sociais e Ongs²). Apesar das inevitáveis tensões entre uma experiência educativa desinstitucionalizada/popular e outra escolar/estatal, em 1992, na cidade de São Paulo, sob a gestão da prefeita Luiza Erundina e Paulo Freire, então secretário de educação, foi criado o projeto “Rap...ensando a educação”. Grupos de rap como Racionais Mc’s, Face Negra, Sharylaine e agentes culturais como, Milton Sales e integrantes da Posse Conceito de Rua percorreram diversas escolas proferindo palestras e rodas de conversas com alunos da rede pública sobre diversos temas como: drogas, racismo e violência policial (TEPERMAN, 2015, p.69). Como disseram os organizadores do material didático do projeto:

O caderno RAP... ensando a Educação é o resultado de um trabalho coletivo da Secretaria Municipal de Educação, que acreditou na voz ativa de uma parcela da juventude, que, a partir de uma leitura crítica da realidade brasileira, vem produzindo uma nova música de protesto extraída do que convencionaram chamar ‘Sabedoria da Rua’ (NAE-10, 1992).

Estes e outros episódios ajudaram na consolidação do rap e de todo o movimento hip-hop nas cidades brasileiras. Consequentemente, o rap e o hip-hop tornaram-se motivo de pesquisas e estudos nas mais variadas áreas. A professora Elaine Nunes de Andrade, por exemplo, é uma das pioneiras nos estudos sobre rap/hip-hop no Brasil. Em 1996, defendeu sua dissertação na área de educação, na USP, sob o título *Movimento Negro Juvenil: um estudo de caso sobre jovens rappers de São Bernardo do Campo*. Dando continuidade ao tema, organizou um dos principais livros da área chamado *Rap e educação, Rap é educação* (1999). Ali, reuniu pesquisadores e professores que, na década de 1990, paralelamente à recente estruturação do hip-hop no país, já estavam pensando e desenvolvendo nas escolas projetos que dialogassem sobre a relação entre o movimento hip-hop e a educação pública³. A monografia *O livro vermelho do hip hop*

² O Geledés, Instituto da Mulher Negra, uma organização não governamental da cidade de São Paulo, teve um papel fundamental na história do rap e da cultura hip-hop no Brasil. Com diversas ações culturais, políticas e educacionais, impactou a cidade primeiro com o “Projeto Rappers”, depois com a primeira revista especializada na cultura de rua, a “Revista Pode Crê!”, além de ter organizado um dos maiores eventos de hip-hop na década de 1990, a “I Mostra Nacional de Hip-Hop”. Nas palavras da pesquisadora Maria Aparecida da Silva: “O Projeto Rappers foi uma estratégia criada por Geledés para denunciar as desigualdades raciais presentes na sociedade brasileira e conscientizar a população negra, em especial os/as jovens negros/as, sobre diferentes formas de exclusão” (SILVA, 1999, p. 94).

³ A título de relevância e maior dimensão do material, cito alguns títulos que compõem o livro: “Arte e educação: a experiência do Hip Hop paulistano”, “Rap, memória e identidade”, “Os sons que vêm das



(1997), de Spensy Pimentel, bem como as teses *Hip hop: cultura e política no contexto paulistano* (2005), de João Batista de Jesus Félix, e *Letramentos de reexistência: culturas e identidades no movimento Hip Hop* (2009), de Ana Lúcia Silva Souza, tornaram-se referências na reflexão sobre o hip-hop como um fenômeno social e político, parte da representação da experiência periférica, bem como uma “agência de letramento que apresenta pontos em comum com diversas experiências educativas”, incorporando, criando e ressignificando usos sociais da linguagem a fim de “reexistir” aos discursos já cristalizados sobre educação, negritude e cultura no país (SOUZA, 2011, p.35-36).

Sabe-se, a princípio, que o rap é constantemente atravessado por questões de classe, raça e gênero. Muitas pesquisas já se debruçaram sobre estes temas⁴. Mesmo que ainda pouco explorado nos estudos sobre rap e hip-hop no Brasil, a religião, a experiência e as linguagens religiosas, estão sempre presentes por meio de incontáveis símbolos, sons, e discursos no rap. Pensamos “religião” aqui não como uma experiência universal atemporal, circunscrita somente ao ocidente, de fácil categorização, mas como “um sistema expressivo, como sistema de linguagem, composto por estruturas narrativas, metafóricas e gestuais” (NOGUEIRA, 2015, p. 123) que, de maneira semelhante ao hip-hop, sistematiza, organiza e traduz parte do mundo simbólico do ser humano. Dessa forma, ao constatar a cultura hip-hop como um espaço que “engendra possibilidades de usos da linguagem em práticas letradas” (SOUZA, 2011, p. 82), assim como a música, a dança, a poesia, os grafites também utilizam estas dinâmicas da linguagem para expressar o sentido social e simbólico dos sujeitos. O rap, portanto, pode ser considerada uma experiência socionarrativa da linguagem simbólica. É a partir do ritmo e da poesia, disponibilizadas pelas inúmeras formas e conteúdos do rap, que o sujeito periférico experimenta e ordena o seu mundo, gerando práticas de emancipação social, mas também elaborando e (re)criando narrativas simbólicas e religiosas.

Este breve panorama traçado até aqui nos ajuda a compreender importantes contextos históricos e alguns dos caminhos estabelecidos na relação entre o rap/hip-hop

ruas”, “Hip Hop: movimento negro juvenil”, “A invasão do Rap na escolarização da classe média”, “Rap na sala de aula”, entre outros.

⁴ Além dos trabalhos já citados, ver os livros *Rap e política: percepções da vida social brasileira*, de Roberto Camargos (2015), *A cor da fúria: uma análise do discurso Racial dos Racionais Mc’s*, de Maik Antunes (2018) e os artigos *Relações de gênero no cenário do rap brasileiro: mulheres negras e brancas*, de Sandra Mara Pereira dos Santos (2012) e *Sexismo nas letras de rap: A sedimentação do machismo pela música*, de Paula Cabrero Claro e Ariane Carla Pereira (2019).



e a educação no Brasil. Também nos serviu para uma rápida apresentação do nosso objeto de estudo. Passaremos agora a relacionar as áreas e os assuntos que, à primeira vista parecem marginais – rap, educação e religião – mas que se explorados dentro de uma perspectiva crítica na prática do Ensino Religioso/Ciências da Religião, mostram-se enriquecedores, tanto aos estudos de hip-hop como para os estudos da religião. Com o objetivo de investigar tais relações, aproximaremos o rap e a religião por meio das músicas e de algumas perspectivas já apresentadas por alguns autores, para em seguida, construir alguns caminhos metodológicos que sejam possíveis de trabalhar o rap em currículos e práticas do Ensino Religioso. A nossa hipótese parte do rap, enquanto fenômeno da linguagem, como articulador de sentidos sociais, simbólicos e religiosos, tornando-se uma expressão artístico-pedagógica pertinente tanto para o desenvolvimento de novas práticas de ensino-aprendizagem no Ensino Religioso, como em diversas áreas ou etapas da educação no ensino fundamental.

2. Rap e religião: estratégias de aproximação

Se alguma vez você “cruzou” com o rap, certamente o som, a batida grave e suas extensas poesias, dotadas muitas vezes de “sentimentos indigestos” (CAMARGOS, 2017), chamaram sua atenção. Também é verdade que grupos como Racionais Mc’s, Facção Central, Mv Bill, Emicida ou mais recentemente, Djonga, por exemplo, já chegaram até você mesmo que de forma indireta, seja pela internet, televisão, rádio, por parcerias com artistas da MPB ou estampadas em algum tipo de vestuário/produto. Talvez o disco *Sobrevivendo no inferno* (1997) dos Racionais, com aquela cruz destacada sob um fundo preto, cercada de versículos bíblicos, ainda te traga alguma lembrança do passado ou mesmo faça parte do momento atual daquele aluno que prestou o vestibular na Unicamp em 2020 e 2021 e, teve que fazer a leitura das letras das canções do álbum que foram publicadas em livro pela Companhia das Letras (Racionais Mc’s, 2018).

Rappers e obras mencionadas aqui, além de fazerem uso de um discurso político, filosófico e crítico da experiência periférica brasileira – a chamada “sabedoria de rua” –



articulam e podem ser reconhecidas também pelo grau de símbolos, narrativas e metáforas religiosas⁵:

Meu nome é Thaíde / E não tenho R.G. / Não tenho C.I.C. / Perdi a profissional / Nasci numa favela / De parto natural / Numa sexta feira / Santa que chovia / Pra valer / Os demônios me protegem e os deuses também / Ogum, iemanjá e outros santos ao além / Eu já te disse o meu nome / Meu nome é Thaíde / Meu corpo é fechado e não aceita revide, Thaíde /.../ Não nasci loirinho com o olho verdinho / Sou caboclinho comum nada bonitinho / Feio e esperto com cara de mal / Mas graças a Deus totalmente normal⁶.

Na intenção de apresentar e localizar sua trajetória, o rapper Thaíde, narra em *Corpo fechado*, à canção que faz parte de uma das primeiras coletâneas do rap nacional (*Hip hop cultura de rua*, 1988), questões ligadas à classe, raça, gênero e religião – como foi visto no trecho acima. Parece-nos que, em seu rap, Thaíde constrói o seu mundo por meio de uma experiência mítico-poética, alimentada por elementos simbólicos e narrativas religiosas que fazem parte do seu contexto social. Enquanto um homem negro, pobre, periférico conhecedor das tradições religiosas de matriz africana, Thaíde organiza e compõe a sua realidade através da linguagem do rap. Apesar de uma representação que se pretende “racional” a respeito da realidade, tanto a linguagem como a experiência social do rap são mediadas por construções simbólicas e metafóricas construídas por um processo social dinâmico em permanente construção. Até porque, a arte, ou seja, o rap, “não é o espelho do real, mas uma das múltiplas dimensões pela qual a ação humana pode se expressar com toda a sua força” (DUARTE, 1999, p.21). Para não estendermos e ficarmos apenas em um exemplo, basta perceber que é possível visualizar a riqueza de elementos religiosos que a canção *Corpo fechado* detém em todo o seu contexto, forma e conteúdo. Assim, cabe reafirmar não só por meio deste caso⁷,

⁵ Os exemplos são incontáveis, mas para uma breve visualização ouvir as músicas: “Capítulo 4, versículo 3”, “Jesus Chorou” e “Vida Loka, parte 1 e 2” dos Racionais MC’s; “Hoje Deus anda de blindado” e “Versos sangrentos” do Fação Central; “A noite” de Mv Bill; “Ubuntu fristilli” de Emicida; e “Atípico” de Djonga.

⁶ *Corpo fechado*, Thaíde Dj Hum, Lp Hip hop Cultura de Rua (São Paulo, Paralelo, 1988).

⁷ Conferir outros casos da relação “rap e religião” nos artigos *O mundo mítico-poético de Baco Exu do Blues: erotismo e religiões no rap* (ROCHA, 2021) e *Um corpo herético no rap: uma teopoética erótica em Alice Guél* (ROCHA, 2020).



que o rap e a religião, mesmo que expressões distintas da experiência popular estão em constantes negociações teológicas, poéticas e simbólicas no Brasil⁸.

Nas primeiras pesquisas acadêmicas sobre rap, percebemos que a religião ocupou espaços marginais nas reflexões. Mesmo assim, essas se configuram como trabalhos importantes para a estruturação da temática “rap e religião” que estamos tentando desenvolver. No livro *Rap e educação, Rap é educação* (ANDRADE, 1999), no capítulo *Rap, Memória e Identidade*, Marco Aurélio Tella tece algumas reflexões sobre um exercício constante que o rap faz de valorização da população negra e que nesse processo, o rap – como visto, por exemplo, em Thaíde – acaba funcionando como uma espécie de “agência” de memória, resgatando a “importância da religião afro” (TELLA, 1999, p. 60) através das suas narrativas. Ainda neste livro, nos capítulos *Os sons que vêm das ruas: a música como sociabilidade e lazer da juventude negra urbana*, e *Hip hop como utopia*, os autores demonstram a importância histórica das festas e irmandades católicas como lugar de resistência da população negra em São Paulo no período do pós-abolição (AZEVEDO; SILVA, 1999, p.69). Também mostra como que o cristianismo, o islamismo e as religiões afro-brasileiras estiveram presentes na formação de ativistas como Martin Luther King, Malcolm X, Zumbi influenciando alguns jovens paulistas da posse Haussa, por exemplo, que se converteram ao islamismo, adotando “ideias dos negros mulçumanos norte-americanos” (PIMENTEL, 1999, p. 106-107-110).

Em *O livro vermelho do hip hop*, Spensy Pimentel (1997) abre o texto constatando que diante a um cenário de abandono social na periferia, “muitos buscam na religião a esperança para suportar o dia a dia; outros ouvem música, dançam, desenham nas paredes” (PIMENTEL, 1997, p.1). Diferentemente de Pimentel, não compreendemos a religião e a arte como experiências opostas ou que necessariamente exigem um compromisso exclusivo de seus adeptos que precisam optar por “isso ou aquilo”. Na verdade, a menção à religião feita por Pimentel se torna oportuna. Tanto pelo fato de que ele não menospreza esse importante dado quando o assunto é hip-hop e periferia, como porque podemos chegar à conclusão de que o rap e a religião funcionam como agências produtoras de sentido, como instâncias que disputam imaginários e

⁸ Para melhor compreensão da relação entre a religião e o rap nacional ver o artigo *No princípio era o rap: a construção do mito em Racionais MC 's* (CAPPELLI; ROCHA, 2020), na seção A história do mito no rap nacional.



discursos ao assumirem símbolos e narrativas próprias de determinados sujeitos-territórios. Pimentel (1997, p. 23-24) também afirma a necessidade de se compreender as dinâmicas religiosas coloniais que afetaram o desenvolvimento da música afrodiáspórica tanto no Brasil (católico) como nos Estados Unidos (evangélico-protestante). Cita, por exemplo, o Blues e o Jazz como produtos dos *spirituals* (tipo de canto desenvolvido no dia a dia dos campos de trabalho, da vida religiosa e festiva de povos norte-americanos escravizados) e, fala sobre a instrumentalização dos textos bíblicos nas narrativas do rap, apresentando algumas diferenças entre rappers brasileiros e norte-americanos, por exemplo.⁹

Já as teses de João Batista Félix (2005) e Ana Lúcia Silva Souza (2009), mesmo que de forma rápida, também constataam a presença da religião nos fluxos da cultura afro-brasileira. Souza cita pesquisas de Lindolfo Filho e Antônia Cezerilo sobre a relação dos rappers com os *griots*, resgatando a tradição oral e musicalidades que são “reinventadas de geração em geração” (SOUZA, 2009, p.73), até chegarem ao que hoje entendemos como “rap” e, também afirma o papel das irmandades católicas como centros de resistência histórica de construção de identidades negras no Brasil. Por sua vez, Félix (2005) localiza em sua etnografia, um dado importante sobre as formas e contextos em que a religião se apresenta no rap nacional e, reconhece a religião como um dado relevante na formação da identidade dos rappers e seus agentes¹⁰.

Ainda sobre as pesquisas sobre o rap/hip-hop que abordam a religião, não poderíamos deixar de mencionar aquelas que, segundo as nossas investigações, foram os primeiros trabalhos que de maneira sistemática, classificaram e relacionaram

⁹ “Conversei certa vez sobre isso com um antropólogo americano, da Universidade do Texas, chamado Derek Pardue. Ele estava no Brasil pesquisando diferenças e semelhanças entre o rap americano e o brasileiro. Disse-me, por exemplo, que citar um versículo bíblico num disco de rap, algo comum no Brasil, é uma atitude impensável entre a maioria dos rappers americanos – lá, para muitos negros o cristianismo soa como dominação cultural (por isso é que a religião muçulmana tem tanta força entre eles – se bem que vale a pena lembrar que o islamismo também só se expandiu pela África por meio da dominação árabe...). Vai vendo... Como o rap nasceu nos EUA, é de se esperar que seja sempre por lá que haja mais diversidade no gênero. Porém mesmo aqui já dá pra perceber, de Norte a Sul do país, a mistura com a embolada, o samba etc. Resta esperar pra ver no que isso vai dar. No fim das contas, quem pode definir o que é importado é o que não é?” (PIMENTEL, 1997, p.13).

¹⁰ O que mais nos chamou a atenção foi que este foi o único evento religioso em que fomos convidados a participar em toda a nossa pesquisa. Embora no mundo do rap a religião predominante seja a Evangélica, aqui era o Candomblé que imperava. No “Núcleo Cultural Força Ativa” e na posse “Aliança Negra” nossas conversas jamais resvalaram para o campo religioso, o que é também interessante. Pelo que podemos perceber a religião é muito mais destacada nas letras de rap do que nos encontros mais amplos do Hip Hop. Não existe posse ligada a uma religião, mas há muitos grupos de rap gospel (FÉLIX, 2005, p.117).



elementos, bem como articularam teorias sobre a religião. Na dissertação *Rappers do Senhor: hip hop gospel como ferramenta de visibilidade para jovens negros pobres e evangélicos*, Tâmara Lis Reis Umbelino apresenta por meio de uma pesquisa de campo, a construção da negritude entre jovens pentecostais, moradores da periferia de Juiz de Fora/MG, por meio do movimento hip-hop e do desenvolvimento de uma linguagem gospel do rap brasileiro. Enquanto jornalista e cientista social, Umbelino apresenta de que forma a vivência religiosa nestes territórios, sobretudo aquela interpretada por meio do hip-hop, “vem servindo para que jovens, negros, evangélicos, com histórico de criminalidade e violência em suas famílias possam de fato construir uma identidade positiva” (UMBELINO, 2008, p.16), ao contrário, do que a grande mídia racista e classista lhes mostra cotidianamente.

Marcos Zibordi (2013) no artigo *O rap como religião de salvação*, faz uma abordagem do rap/hip-hop a partir de Max Weber e de sua sociologia da religião. Aproxima os rappers, sobretudo, com a figura dos profetas e sacerdotes, e o hip-hop, enquanto uma instituição de caráter mágico, produtora de atividades simbólicas. Já em sua tese *Hip hop paulistano, narrativa de narrativas culturais* (ZIBORDI, 2015), Zibordi separa um espaço inédito entre as pesquisas já vistas sobre o tema, para se deter sobre a discussão do elemento religioso no rap. No terceiro e último capítulo intitulado “Eixo transcendental”, ele analisa uma série de narrativas religiosas do rap, articulando diversos exemplos e teóricos para a reflexão sobre o hip-hop. Entre algumas de suas principais ideias, encontra-se, o entendimento do hip-hop como um tipo de “agência de salvação”, além de fazer uma instigante provocação ao propor a “religião” como o quinto elemento do hip-hop.

Já nas ciências da religião, o rap/hip-hop ainda não constitui um tema/objeto de pesquisa com alguma tradição ou grande interesse por parte dos estudiosos. As dissertações *Os yoguins do séc. XXI: o aprendiz orientalista pós-tradicional na música de BNegão e Walter Franco* (TOBIAS, 2018), *“Um talo de arruda que vale uma floresta”*: as representações sociais das religiões afro nas letras de rap (SCOTTON, 2019) e *Rap e religião: uma análise do imaginário religioso em Racionais Mc’s* (ROCHA, 2022), constituem-se como as pesquisas mais significativas na área – a primeira através de uma abordagem dos estudos poético-literários, a segunda a partir de uma análise discursiva das letras e, a última, a partir das teorias do imaginário,



dimensionando o caráter mítico-poético do rap. Assim, após breves considerações sobre as músicas e pesquisas acadêmicas que tratam do fenômeno religioso e sua incidência/desenvolvimento na história do rap, constatamos não só a relevância dos mitos, símbolos e narrativas religiosas articuladas na cultura hip-hop¹¹, apontamos este tema como um campo de pesquisa promissor, ainda a ser explorado pelas Ciências da religião, assim também, pela prática pedagógica do Ensino Religioso. Iremos agora, então, observar algumas propostas pedagógico-educacionais do rap enquanto veículo/vínculo da religião em seus hibridismos culturais, teológicos e simbólicos, e como ele pode ser articulado no currículo e no componente do Ensino Religioso.

3. Rap como possibilidade artístico-pedagógica para competência leitora crítica no Ensino Religioso

Sabe-se que uma das tarefas mais desafiadoras para o educador é construir junto aos estudantes uma competência “leitora crítica”. Além do cenário de sucateamento que a educação pública se encontra em nosso país (baixos salários para os professores, falta de material adequado, estruturas físicas precárias), conseqüentemente, o desinteresse dos alunos pelas atividades escolares, há uma aparente falta de conexão entre o conteúdo proposto pelos professores e o contexto social dos alunos. A ausência destes elementos empobrece não só a aprendizagem de habilidades de escrita e leitura, mas o domínio de tecnologias e técnicas de grafia e assimilação do conteúdo, além das práticas de letramentos, capacidade de ler e escrever que, relacionadas ao mundo do aluno, com uma clara implicação no desenvolvimento de sentidos sociais, históricos e subjetivos dos sujeitos envolvidos nestas atividades. Por competência leitora crítica, deve-se entender a capacidade que habilita uma pessoa a ler e compreender determinado texto. Geralmente, essa categoria é trabalhada no Ensino Fundamental e quando aperfeiçoada tende a fazer com que o sujeito consiga ponderar sobre a leitura de forma crítica com relação ao texto lido. No caso de nossa discussão, tal competência orbita em torno do

¹¹ Para uma compreensão mais ampla sobre o imaginário bíblico no rap, a construção de um discurso teológico e outras dinâmicas da relação entre o rap e a religião, ver os trabalhos “*Uma Bíblia velha, uma pistola automática*”: imaginário bíblico na obra de Racionais Mc’s (CAPPELLI; ROCHA, 2020a), *O êxodo profético do rap: Mano Brown e Racionais MC’s sob um olhar teológico pluralista* (SOUSA, 2021) e *O rap como religião de salvação* (ZIBORDI, 2013), *O Evangelho marginal dos Racionais Mc’s* (OLIVEIRA, 2018) e *Evangelho segundo Racionais Mc’s: ressignificações religiosas, políticas e estético-musicais nas narrativas do rap* (TAKAHASHI, 2014).



aprendizado envolvendo o Ensino Religioso e a temática do rap. Dessa forma, nossa proposta em trabalhar temas e assuntos atuais se faz pertinente e poderá contribuir para o desenvolvimento desta competência numa dinâmica de ensino-aprendizagem que se pretende libertadora.

Como cultura urbana que nasceu nos Estados Unidos¹², conforme ressalta o antropólogo Ricardo Teperman (2011), o hip-hop torna-se uma expressão cultural privilegiada quando o assunto é dimensionar ou investigar as dinâmicas da juventude na contemporaneidade. Alunos e professores que se aproximaram deste movimento, certamente poderão conhecer uma rica cultura estética – composta de sons, símbolos e imagens diversas – personagens emblemáticos e processos políticos/históricos de suma importância para a compreensão da sociedade moderna. No Brasil do começo dos anos 1980, na estação de metrô São Bento da cidade de São Paulo, o hip-hop começou a exercer uma função de diversão e de formação, sendo um dos principais veículos de informação e conhecimento entre adolescentes e jovens periféricos. Esta cultura rapidamente se espalhou em diversas outras regiões do país, mas o seu marco “simbólico” estar situado em São Paulo – não obstante, alguns rappers paulistas estão entre os mais famosos do Brasil.

Para a nossa reflexão, além da rima e das divisões silábicas, interessa-nos o rap enquanto um fenômeno cancional, sendo assim, impossível desassociar letra e melodia. Seu aspecto musical, além da questão rítmica e compassada, possibilita a abertura para que se trabalhe com outros elementos – sensoriais, inclusive – de melhor assimilação por parte dos alunos e alunas, despertando sua consciência crítica e estimulando, conseqüentemente, sua capacidade leitora – do texto e do seu contexto social. Sendo assim, o elemento musical se apresenta como um forte aliado no que diz respeito à “acomodação” – fase de assimilação de conceitos presente no processo de alfabetização. O termo “acomodação” faz referência à teoria piagetiana na qual há um ajuste do objeto do conhecimento junto ao organismo de quem faz a apreensão. Com isso o objeto, em nosso caso, a canção, é incorporado à realidade e, adquire novas significações por meio

¹² Há um consenso na bibliografia especializada de que, tal como o conhecemos, o rap surgiu nas festas de bairro realizadas por imigrantes afro-caribenhos do Bronx, no bairro pobre de Nova Iorque, no início dos anos 70. Acoplado poderosos equipamentos de som a carrocerias de caminhões e carros grandes (os chamados “sound systems”), DJs como Kool Herc e Grandmaster Flash animavam festas de rua com ritmos latinos, funk soul e reggae. (TEPERMAN, 2011, p.20).

da interação que passa a fazer entre o corpo-organismo do sujeito e sua realidade, estabelecendo um vínculo dialético entre ambos¹³.

É importante ressaltar como é significativa uma abordagem pedagógica que contemple a realidade sócio-histórica dos educandos em consonância com o conteúdo proposto. A realidade, por vezes, proposta pelos materiais didáticos e metodologias adotadas, via de regra, tendem a reproduzir diversos tipos de padrões estéticos, raciais, econômicos ou culturais hegemonicamente determinados. Com raras exceções, esse padrão normalmente diz respeito a uma realidade idealizada, economicamente desigual, distante dos interiores e periferias do Brasil. Por isso, uma boa parte dos conteúdos é recebida com falta de estímulo e dificuldade por alunos e alunas, pois não falam a sua realidade, nem abrem qualquer tipo de relação ou estabelecem proximidade com os mais variados contextos do país.

O intuito da interação “aluno-conteúdo”, por meio da música, objetiva efetivar uma perspectiva pedagógica mediada pela proximidade dos fenômenos culturais populares e pelo diálogo, e não somente numa prescrição curricular estática, mas visando, principalmente, a formação e o desenvolvimento crítico e emancipatório do sujeito histórico. Somente o diálogo, a identificação das particularidades como as diferenças de cada território possibilita tal interface. Segundo Paulo Freire, o diálogo fenomeniza e historiciza a subjetividade humana, relativizando pontos de vistas absolutos. “Os dialogantes ‘admiram’ um mesmo mundo, afastam-se dele e com ele coincidem, nele põem-se e opõem-se” (FREIRE, 1994, p. 3).

De acordo com Freire, o diálogo torna-se uma ferramenta central em qualquer relação de ensino-aprendizagem. Ele reconhece, historiciza e resgata o sujeito de um sistema pedagógico enrijecido e mecanizado, que apaga, invisibiliza e marginaliza o indivíduo. Sendo assim, torna-se cada vez mais defasada qualquer tipo de modelo e de prática “bancária”, impositiva, se o objetivo for a construção de práticas educacionais que se pretendam condizentes com a realidade social e a formação integral de cidadania. Para escapar a estes entraves muitos métodos são colocados como “interativos”, mas

¹³ Michele Perciliano, dentre as linguagens mais utilizadas [em práticas de ensino-aprendizagem] vale destacar o uso da música. Trabalhar com música é fácil, didático e aproxima o professor do aluno na medida em que contribui na identificação de diferentes significados nas representações daquilo que o aluno ouve e associa ao que vive, uma vez que o ensino se fundamenta na estimulação que é fornecida por recursos didáticos que facilitam a aprendizagem (PERCILIANO, 2018, p.141).

não se comprometem, de fato, com o desenvolvimento de um trabalho dialogal, em busca de uma educação emancipadora.

Vemos, portanto, que o rap, como uma expressão cultural das classes populares, como uma experiência de conhecimento “não pedagogizada” (SOUZA, 2011) do mundo, se torna um ponto de contato significativo entre o conteúdo que é proposto e o aluno. Tanto por ser, em geral, um gênero conhecido e querido pela maioria, quanto por ser um tipo de canção democrática e comprometida com o sujeito, com diversos tipos de contextos sociais que se expressa de forma crítica sobre os processos históricos, sempre falando a partir da perspectiva daqueles que geralmente são menosprezados pelo poder hegemônico de nossa estrutura social. Segundo a professora Ana Lúcia Silva Souza, a partir do hip-hop, ou seja, de “espaços não escolarizados de educação”, valoriza-se a construção dos mais diversos usos da linguagem escrita, sendo nesse tipo de espaço o lugar onde é possível desenvolver múltiplos sentidos por meio do cotidiano (SOUZA, 2011, p.81). Dessa forma o rap, enquanto uma das linguagens desenvolvidas pelo hip-hop, “pode ser considerado como um espaço de práticas que, sem ser fixo ou suficientemente institucionalizado, engendra possibilidades de usos da linguagem em práticas letradas” (SOUZA, 2011, p.82). Por meio do rap visa-se, portanto, muito mais do que ensinar a ler ou a escrever. Têm-se como objetivo construir e compartilhar conhecimento, formar criticamente cidadãos e cidadãs que problematizam, dialoga, se enxergar e intervém na sua realidade.

No artigo *No ritmo e na poesia: o rap e o hip hop como estratégia didática para o ensino de história da África e Cultura Afro-Brasileira*, Michele Perciliano levanta uma questão importante para a nossa reflexão:

Aceitar a música como um novo documento e fonte de saber escolar, demonstra que a disciplina cede ao diálogo com as novas práticas e saberes escolares, portanto com o currículo, incorporando essas práticas, na medida do possível aos livros didáticos. Daí vem o seguinte questionamento: como o currículo escolar pode abordar essas práticas de ensino? (PERCILIANO, 2018, p.142).

Respondendo à questão de Perciliano, assinalamos ser possível tal adequação entre a música (realidade) e o cumprimento de uma agenda mais sistemática de ensino (conteúdo). Juntamente com o rap, o currículo poderá abordar na perspectiva do diálogo e da interação com a realidade, de maneira crítica e propositiva, grande parte dos temas



previstos em diversas áreas do conhecimento – não é novidade a capacidade que o rap tem em versar sobre muitos tipos de tema (território-geografia, os mais diversos acontecimentos históricos, expressões artísticas, relações familiares, múltiplas referências literárias e políticas, entre outros assuntos). Visto que não se trata somente de introduzir novos conceitos, mas colocá-los em constante interação com o contexto social, visando utilizar elementos, palavras e situações do cotidiano dentro da proposta pedagógica. Assim, levando em consideração os fatores elencados aqui, visa-se propor uma abordagem contextualizada e adaptada à realidade dos alunos e alunas – aquilo que estamos chamando de “possibilidade artístico-pedagógica” por meio do rap, principalmente, daqueles oriundos de contextos periféricos. A identificação com as letras de rap e canções diversas se faz notar no dia a dia da escola. O estímulo a se pensar uma abordagem inclusiva, dialogal e expressiva, no sentido cultural, se faz por meio da interação e recepção da cultura popular da comunidade escolar em consonância com os parâmetros curriculares previstos.

Por meio daquilo que foi exposto até agora, primeiro, afirmamos e reconhecemos o rap como um gênero musical periférico comprometido na construção de práticas de ensino libertadores e dialogais, bem como uma ferramenta imprescindível no desenvolvimento de competências crítico-leitoras mais contextuais. Sua proximidade com a realidade periférica, as múltiplas linguagens de que se serve, bem como a sua intervenção social – levando em consideração a dimensão do corpo – permitem com que o ambiente escolar se torne um pouco mais próximo e relevante aos alunos. Em segundo lugar, depois de contextualizar algumas pesquisas sobre o rap e a sua proximidade com o fenômeno religioso, nossa “aposta” é de que este gênero musical, cercado de narrativas, imagens e elementos das religiões, poderá assumir um novo e privilegiado lugar em ações artístico-pedagógicas nas mais diversas práticas e temas do Ensino Religioso. Não poderíamos, neste breve artigo, dimensionar a história do Ensino Religioso no Brasil, as polêmicas ou desconfiças geradas em seu entorno, ou trabalhar de maneira pormenorizada suas bases epistemológicas, objetivos ou especificidades¹⁴. Porém, nos alinhamos a uma perspectiva laica, de caráter científico,

¹⁴ Para um estudo mais aprofundado sobre as bases e questões histórico-epistemológicas, ver os artigos *O estranho caso do Ensino Religioso: contradições legais e questões epistemológicas* (ULRICH; GONÇALVES, 2018); e *Crenças religiosas e filosofias de vida na BNCC: importância para o ensino religioso sob a perspectiva da ciência da religião* (COSTA; STERN, 2020).



onde o Ensino Religioso – como prevê a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) – assume o “conhecimento religioso”, o fenômeno religioso, como o objeto do seu estudo “no âmbito das diferentes áreas do conhecimento científico das Ciências Humanas e Sociais, notadamente da(s) Ciência(as) da(s) Religião(ões), sem privilegiar nenhuma crença ou convicção, considerando a pluralidade religiosa brasileira” (BRASIL, 2016, p.171).

O Ensino Religioso como componente curricular comprometido em ser um espaço de empoderamento crítico do cidadão, tratando sobre os processos materiais, históricos e sociais – implicado no aprendizado das religiões no contexto brasileiro – poderá proporcionar um alto nível de transformação social (RIBEIRO, 2014, p.197). No intuito de combater o racismo religioso, a discriminação, e construir juntamente com o aluno uma convivência democrática por meio do respeito às diferenças, a BNCC estabeleceu alguns objetivos basilares para o Ensino Religioso:

- a) Proporcionar a aprendizagem dos conhecimentos religiosos, culturais e estéticos, a partir das manifestações religiosas percebidas na realidade dos educandos; b) Propiciar conhecimentos sobre o direito à liberdade de consciência e de crença, no constante propósito de promoção dos direitos humanos; c) Desenvolver competências e habilidades que contribuam para o diálogo entre perspectivas religiosas e seculares de vida, exercitando o respeito à liberdade de concepções e o pluralismo de ideias, de acordo com a Constituição Federal; d) Contribuir para que os educandos construam seus sentidos pessoais de vida a partir de valores, princípios éticos e da cidadania (BRASIL, 2017, p.434).

Além dos objetivos gerais, a BNCC também estabelece algumas competências específicas para o Ensino Religioso¹⁵, unidades temáticas (por exemplo, o estudo de “crenças religiosas e filosofias de vida”), os objetos de conhecimento (narrativas religiosas, os mitos nas tradições religiosas, ancestralidade e tradição oral etc.), além das

¹⁵ A BNCC propõe como competências específicas do Ensino Religioso: “1) Conhecer os aspectos estruturantes das diferentes tradições/movimentos religiosos e filosofias de vida, a partir de pressupostos científicos, filosóficos, estéticos e éticos; 2) Compreender, valorizar e respeitar as manifestações religiosas e filosofias de vida, suas experiências e saberes, em diferentes tempos, espaços e territórios; 3) Reconhecer e cuidar de si, do outro, da coletividade e da natureza, enquanto expressão de valor da vida; 4) Conviver com a diversidade de crenças, pensamentos, convicções, modos de ser e viver; 5) Analisar as relações entre as tradições religiosas e os campos da cultura, da política, da economia, da saúde, da ciência, da tecnologia e do meio ambiente; 6) Debater, problematizar e posicionar-se frente aos discursos e práticas de intolerância, discriminação e violência de cunho religioso, de modo a assegurar os direitos humanos no constante exercício da cidadania e da cultura de paz” (BRASIL, 2017, p.435).



habilidades que se espera desenvolver em cada ano conforme cada série. Uma dessas habilidades prevista, por exemplo, para ser trabalhada no 5º ano, diz respeito à competência que estabelece como princípio: “(EF05ER07) Reconhecer, em textos orais, ensinamentos relacionados a modos de ser e viver” (BRASIL, 2017, p. 451). Neste mesmo bloco de habilidades, busca-se também identificar acontecimentos sagrados de diferentes culturas, identificar o mito de criação, a importância da tradição oral nas religiosidades indígenas, ciganas e afro-brasileiras, entre outras coisas. Partindo do pressuposto do rap enquanto “literatura oral-urbana” (SALGADO, 2015), articulador de tradições orais e inúmeras experiências de textos (visuais, materiais, corporais), o professor de Ensino Religioso poderá extrair diversos elementos religiosos contidos no gênero musical, e adequá-los às unidades temáticas e habilidades específicas que a BNCC prevê para o componente curricular em questão. Nesse sentido, efetiva-se a partir do rap uma relação direta com a realidade dos alunos visto que a periferia, bem como em outros espaços da comunidade escolar, articula diversos tipos de experiências religiosas. Assim, podemos propor uma leitura-escuta comparada da realidade das religiões com os dilemas e temas previstos na BNCC, com a experiência mais cotidiana dos alunos e alunas por meio da música.

A título de exemplo do que estamos trabalhando, o grupo de rap Racionais Mc 's torna-se um ponto essencial. Sobre a condição hostil em que a população pobre se encontra nas periferias do Brasil, em diversas canções, os rappers articulam um tom religioso que acaba perpassando muitos momentos do seu discurso. De acordo com a mitologia bíblica, o ser humano passou a herdar a condição de “pecador” por meio da transgressão dos primeiros seres-humanos (Adão e Eva), sendo esta condição retratada pela tradição teológica judaico-cristã como “pecado original”, de forma que tudo o que envolve o ser humano e sua relação nociva consigo mesmo e com o mundo se explica por meio desta narrativa mitológica. O chamado “pecado” de Adão se torna história do ocidente, a explicação ontológica para o mal, por assim dizer. Conforme a leitura dos Racionais Mc 's, o mal na periferia tem também uma origem: ela está no “sistema” estruturante de nossa sociedade desigual e violenta. Nas diversas menções à palavra “sistema” em suas canções, ela está normalmente relacionada ao governo, à polícia, à sociedade branca e racista, aos desmandos de figuras poderosas, ao Estado e demais mecanismos sociais que fomentam a miséria e a desigualdade. Assim, na segunda faixa



do disco *Sobrevivendo no inferno* Mano Brown recria um tipo de mito cosmogônico e estabelece na figura do “homem” – elitizado, rico, poderoso, que pela estruturação negativa do sistema impõe uma forma desigual de vida entre negros e brancos, pobres e ricos – o sentido “originário” do mal que assola a população periférica: “Deus fez o mar, as árvore, as criança, o amor. O homem me deu a favela, o crack, a traiagem, as armas, as bebidas, as puta. Eu? Eu tenho uma bíblia véia, uma pistola automática e um sentimento de revolta. Eu tô tentando sobreviver no inferno”¹⁶.

Quem proporcionou a existência da favela? Quem é responsável pela exploração do assalariado? Qual o papel do mito e da narrativa religiosa neste breve relato? O que a arma, a Bíblia e o sentimento de revolta significam dentro da experiência periférica? Para desvelar e aprofundar essas questões, bem como proporcionar algumas respostas relevantes para uma compreensão crítica da sociedade brasileira, acreditamos ser o Ensino Religioso um ótimo espaço de discussão – laico e plural – sobre todas as questões suscitadas pela canção, principalmente no que diz respeito ao papel/significado das religiões em contextos de produção poética, cultural, e de suas possíveis respostas aos conflitos históricos e políticos. É preciso dizer, portanto, que não nos parece proveitoso qualquer análise rígida ou que se pretenda única sobre o significado da religião – mesmo porque Racionais se utiliza de imagens religiosas oriundas do cristianismo, mas também demonstra ter uma forte relação com as religiões afro-brasileiras. Considera-se que tanto a religião como a arte (no nosso caso o rap), “estão na base antropológica da cognição, por meio da simbolização, na origem do *Homo sapiens* e das culturas humanas” (NOGUEIRA, 2015, p. 119). Enquanto fenômenos da linguagem simbólica, tanto o rap como a religião sempre escapam às classificações, dogmas e interpretações acabadas. Qualquer análise estará sujeita às dinâmicas de entrecruzamentos históricos, sociais e religiosos no qual cada comunidade faz as suas bricolagens e hibridismos exigindo dos professores não só sensibilidade, mas um compromisso científico com o objeto religioso a ser estudado.

Outro dado pertinente é perceber a polissemia do rap, sua capacidade musical, literária, imagética e simbólica. Será necessário optar por um recorte sobre o assunto e a forma com que o rap será abordado, sendo proveitoso não descartar nenhum elemento que compõem o rap enquanto canção (letra, melodia, instrumentais, elementos sonoros

¹⁶ Racionais Mc 's, “Gênesis”, Lp *Sobrevivendo no inferno*. (São Paulo, Cosa Nostra Fonográfica, 1997).

etc., que podem trazer informações sutis sobre as religiões na música). Assim, escolhendo trabalhar com a letra, por exemplo, a experiência da escuta é imprescindível. Optando trabalhar com a sonoridade e ritmos (percebendo os instrumentos, melodias e graves), estes se transformam constantemente em imagens (por exemplo: sino de igreja, um pneu “cantando” no asfalto, sirenes de polícia, as grades de um presídio etc.). Nas palavras de Carlos Eduardo Calvani, “não se pode dar atenção apenas à poética e à letra, desprezando a musicalidade” (CALVANI, 2015, p. 42), correndo o risco de não captar integralmente as diversas e valiosas informações sobre as religiosidades nas canções populares.

Dessa forma, voltemos brevemente ao livro *Rap e educação, rap é educação* (ANDRADE, 1999), no capítulo *Rap na sala de aula*. Ali a professora de língua portuguesa Lair Neves, em uma escola estadual de Osasco/SP ainda no ano de 1995, nos conta sua experiência com o rap na apreensão de conteúdos de gramática. Depois de alguns anos debatendo métodos pedagógicos, currículos e se perguntando sobre o papel da educação, Lair se depara com o compromisso de ajudar a “reduzir a distância entre o conhecimento científico e o reconhecimento da cultura de base produzida no cotidiano” (NEVES, 1999, p.155). Neves, portanto, insere o rap/música como mediação entre o contexto periférico – onde a linguagem é produzida social e simbolicamente entre os alunos – e o conteúdo escolar. A professora nos conta que trabalhou durante um ano letivo, em turmas de 6ª a 8ª série do período noturno, a música *Rap da felicidade* (“Eu só quero é ser feliz...”). Ao longo das aulas trabalhou oito etapas principais no que se refere ao trabalho com a canção escolhida: 1ª) entregou uma cópia da música; 2ª) fez a leitura da música; 3ª) ofereceu uma explicação individual de cada parte da música; 4ª) trabalhou o texto em grupos – entendimento da mensagem; 5ª) propôs uma apresentação dos grupos sobre o entendimento da mensagem do texto; 6ª) elaboraram um novo texto coletivo a partir do que foi entendido da música; 7ª) refletiu sobre o que pode ser aprendido com o estudo do texto musical; e 8ª) promoveu um debate sobre o que poderia ser mudado, tanto em relação ao conteúdo gramatical quanto pessoal, com um novo entendimento da língua e do contexto¹⁷.

¹⁷ Cada uma das etapas apresentadas aqui é brevemente desenvolvida no livro. Sobre a 5ª etapa da análise do texto da canção, por exemplo, a professora Lair relata: “As carteiras, agora colocadas em forma de círculo, possibilitam uma posição mais democrática, em que todos possam se olhar (...); não interfere na

O caminho adotado pela professora Lair Neves em meados dos anos 1990, pode servir de exemplo para novos projetos, abordagens criativas do conteúdo e a utilização de outros raps para os diversos assuntos. Acrescentaríamos em nossa análise, por exemplo, uma etapa de escuta da música (quem sabe selecionar juntamente com os alunos e alunas qual música seria trabalhada), de declamação de estrofes e frases que mais foram marcantes, assistir o videoclipe da canção – se tiver –, conhecer o artista, sua importância e sua obra, além de escrever – no caso do Ensino Religioso – todos os elementos ligados à religião para discutir separadamente cada um deles. Pensando especificamente a partir do Ensino Religioso, ao trabalhar os elementos previstos pela BNCC, como conhecer as diferentes tradições religiosas, compreender tal diversidade, conviver com diferentes crenças, analisar relações entre diferentes religiões e debater a dimensão pública da religião para construir um ambiente de paz. O rap constitui-se como um importante aliado em diversos temas e aplicações: mitos e cosmologias (música *Gênesis*, Racionais MC's); diálogo inter-religioso (música *Tempos insanos*, Karol Conká); religião e gênero (música *Deus é travesti*, Alice Guél); relações raciais (música *Capítulo 4, versículo 3*, Racionais MC's); religião e tradições orais/ancestralidade (música *Ubuntu fristilli*, Emicida); experiência religiosa (música *Novo poder*, Bk); e assim por diante.

O já citado disco *Sobrevivendo no inferno*, dos Racionais, poderia ser o primeiro grupo de rap a ser trabalhado pelo professor de Ensino Religioso. Sendo considerado um dos álbuns clássicos do rap nacional, a obra que fora lançada em 1997 em formato LP, em 2018, ganhou também um novo e acessível formato – em livro – pela editora Companhia das Letras. Esse disco, além de apresentar uma quantidade significativa de elementos religiosos distintos previstos em suas letras (Deus, Jesus, salmos, orixás, candomblé, oração etc.), também disponibiliza imagens, clipes e apresentações que poderão nos ajudar na contextualização de tais elementos¹⁸. Por ser um disco muito

apresentação, apenas monitorei o desempenho dos grupos e alertei-os quanto a coerência dos argumentos e explicações, quanto a ter começo, meio e fim” (NEVES, 1999, p.158).

¹⁸ O disco conta com diversas fotografias tanto no interior do livro quanto no encarte dos LP's e cd's, onde os integrantes interagem em espaços religiosos, com santos, crucifixos e Bíblias. Também a música *Diário de um detento*, por exemplo, possui um videoclipe que fora premiado em 1998 no VMB, um festival de música que era promovido pela emissora de televisão MTV Brasil, onde é possível dimensionar algumas imagens religiosas que circulam dentro do sistema prisional (Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=MZzl8qYF_qY. Acesso em: 10 abr. 2022). Neste mesmo evento onde os Racionais recebeu o seu prêmio de melhor videoclipe do ano, uma espécie de performance teatral protagonizada pelo Pregador Luo, um cantor de rap gospel, representa uma igreja evangélica



conhecido e importante, há também muitos trabalhos acadêmicos que tratam sobre o assunto (conferir novamente o item dois deste artigo “Rap e religião: estratégias de aproximação” e conferir as notas de rodapé de número 6 e 9), que poderão auxiliar o professor/a. O jovem rapper baiano Baco Exu do Blues também poderá contribuir para introduzir um mundo de símbolos e narrativas religiosas, assim como Emicida, Djonga, Síntese e Criolo também apresentam inúmeros *clips*, músicas e entrevistas tratando, muitas vezes, de forma específica, o lugar da religião no imaginário da sua produção musical.

Para finalizar, observamos que o rap, na busca de mediar e traduzir realidades e experiências de linguagem, tão próximas dos alunos oriundos de contextos periféricos, se constitui como um tipo de agência de “letramentos de reexistência” (SOUZA, 2011), e como agência produtora de múltiplas linguagens religiosas. Uma “agência” cultural onde muitas vezes se escreve mesmo sem lápis, em que ensina a ler para além das próprias letras. Onde se participa da criação e da aprendizagem por meio de experiências religiosas e sonoras que constituem determinado grupo social, dando outro sentido de educação por meio do corpo, da construção de símbolos, discursos e experiências libertadoras de educação que transformam a vida social.

Considerações finais

Ao passar pela história do rap nacional em diálogo tanto com a educação como a religião, foi possível perceber a relevância e os inúmeros caminhos do projeto aqui empreendido. Acreditamos que o rap e a religião, enquanto fenômenos da linguagem simbólica provocam muitos tipos de análises políticas, poético-cancionais, além de vislumbrar outros tipos de práticas pedagógicas, principalmente em contextos periféricos. Acreditamos que a estratégia adotada pela professora Lair Neves pode ser aplicada e ampliada dentro do Ensino Religioso, visando novas abordagens e metodologias que estimulem processos de ensino-aprendizagem críticos, engajados com a promoção da vida, o direito à expressão/liberdade religiosa e o estudo científico do fenômeno religioso.

num culto onde palavras bíblicas se misturam com um discurso altamente político, introduzindo a música *Capítulo 4, versículo 3*, que logo é cantada pelo grupo Racionais (Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PUw50mQaZT4>. Acesso em: 10 abr. 2022).



Somam-se a isso iniciativas de trabalhar o letramento dos anos iniciais do ensino fundamental tanto no sentido de sensibilização – para introduzir a aprendizagem das sílabas – quanto no processo de acomodação do conhecimento e das competências leitora-críticas. A proposta de trabalhar as sensações, palavras e frases por meio do rap tem o intuito de proporcionar a alfabetização das crianças, associada a um olhar crítico sobre as dinâmicas sociais, a construção do respeito à diversidade e conhecimentos diversos.

A cultura hip hop é riquíssima e muito proveitosa para “facilitar” o diálogo entre alunos e conteúdo, entre a rua e alguns caminhos da educação formal. Podem-se aproveitar as ideias que aqui foram trabalhadas, para construir maior interação com a comunidade escolar, auxiliando formas de aprendizagem mais profícua. A palavra-canto possui o poder de conferir protagonismo e identidade às pessoas. Por meio de seu domínio a sociedade intervém de forma criativa e propositiva tanto no âmbito escolar como no cotidiano. Tudo isso certamente é um desafio que necessita ser enfrentado com seriedade e parcimônia. Ao tratarmos da questão fazendo interface com o contexto social brasileiro, avançamos para a proposta de uma educação popular, periférica e crítica, no sentido propositivo da questão. Pois a perspectiva da transformação e da liberdade humana deve sempre orientar o trabalho docente nas mais variadas áreas do conhecimento. A correspondência com a temática do Ensino Religioso teve como objetivo agregar novas práticas e abordagens pedagógicas, bem como contribuir no processo formativo de um estudo criterioso da religião nos mais diversos espaços da educação formal e informal do Brasil.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Elaine Nunes (org.). *Rap e educação, rap é educação*. São Paulo: Summus, 1999.

ANTUNES, Maik. *A cor e a fúria: uma análise do discurso racial dos Racionais Mc 's*. Jundiaí: Paco Editorial, 2019.

AZEVEDO, Amailton Magno Grillu; SILVA, Salloma Salomão Jovino. *Os sons que vêm das ruas*. IN: *Rap e educação, rap é educação*. ANDRADE, Elaine Nunes (org.). São Paulo: Summus, 1999.



BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Curricular Comum do Ensino Básico*. Brasília, 2016. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 12 abr. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Curricular Comum do Ensino Básico*. Brasília, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site_110518.pdf. Acesso em: 12 abr. 2022.

CALVANI, Carlos Eduardo. *Religião e MPB: um dueto em busca de afinação*. Revista Eletrônica Correlatio. v. 14, nº 28, p.29-54, dez., 2015.

CAMARGOS, Roberto. *Rap e política: Percepções da vida social brasileira*. São Paulo: Boitempo, 2015.

_____. *Relatos sanguíneos e sentimentos indigestos no rap de Facção Central*. Música Popular em Revista, Campinas, ano 5, v.1, p.70-94, jul.-dez. 2017.

CAPPELLI, Márcio; ROCHA, Bruno. “Uma Bíblia velha, uma pistola automática”: O imaginário bíblico na obra de Racionais Mc 's. In: BONFIM, Luís Américo Silva. *Religião e Cultura: Hibridismos e efeitos de fronteira*. Curitiba: CRV, 2020a.

_____. *No princípio era o rap: A construção do mito na obra dos Racionais Mc 's*. Estudos de Religião, v. 34, n.3, p. 153-176, set.-dez. 2020.

CLARO, Paula Cabrera; PEREIRA, Ariane Carla. *Sexismo nas letras de rap: A sedimentação do machismo pela música*. 6º Colóquio Mulher e Sociedade, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 23 e 24 de abril de 2019.

COSTA, Matheus Oliva; STERN, Fábio L. *Crenças religiosas e filosofias de vida na BNCC: importância para o ensino religioso sob a perspectiva da ciência da religião*. In: SILVEIRA, Emerson Sena da; JUNQUEIRA, Sérgio (orgs.). *O Ensino Religioso na BNCC: teoria e prática para o Ensino Fundamental*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2020.

D'ANDREA, Tiarajú Pablo. *A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo*. Tese. (tese de doutorado em sociologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo. p.287, 2013.

DUARTE, Geni Rosa. *A arte na (da) periferia: sobre... vivências*. In: *Rap e educação, rap é educação*. ANDRADE, Elaine Nunes (org.). São Paulo: Summus, 1999.

FELIX, João Batista de Jesus. *Hip hop: Cultura e política no contexto paulistano*. São Paulo, 2005. 206 p. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.



NAE-10. *Rap...ensando a educação*. Núcleo de Ação Educativa 10, Secretaria Municipal de Educação. Prefeitura do Município de São Paulo, 1992.

NEVES, Lair Aparecida Delphino. *Rap na sala de aula*. In: Rap e educação, rap é educação. ANDRADE, Elaine Nunes (org.). São Paulo: Summus, 1999.

NOGUEIRA, Paulo de Souza. *Religião e ficcionalidade: modos de as linguagens religiosas versarem sobre o mundo*. In: Religião e linguagem: abordagens teóricas interdisciplinares. NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza (org.). São Paulo: Paulus, 2015.

OLIVEIRA, Acauam Silvério. *O Evangelho marginal dos Racionais Mc 's*. In: Racionais Mc' s: Sobrevivendo no Inferno. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

PERCILIANO, Michele. *No ritmo e na poesia: o rap e o hip hop como estratégia didática para o ensino de história da África e Cultura Afro-Brasileira*. Koan: Revista de Educação e Complexidade. n.6, jun.2018, p.139-152.

PIMENTEL, Spensy. *O Livro vermelho do Hip hop*. Disponível em: http://acervobf.bocadaforte.com.br/acervo/site/?url=biblioteca_detalhes.php&id=12
Acesso em: 22 jun 2021.

_____. *Hip Hop como utopia*. In: Rap e educação, rap é educação. ANDRADE, Elaine Nunes (org.). São Paulo: Summus, 1999.

RACIONAIS MC 'S: *Sobrevivendo no Inferno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RIBEIRO, Osvaldo Luiz. “*Não se justifica moralmente*” – *uma crítica ao modelo de ensino religioso como educação moral*. In: SANTOS, Francisco de Assis Souza; GONÇALVES, José Mário; RIBEIRO, Osvaldo Luiz (Orgs.). Ciências das religiões aplicadas: interfaces de uma ciência-profissão. Vitória: Unida, 2014.

ROCHA, Bruno de Carvalho. *O mundo mítico-poético de Baco Exu do Blues: erotismo e religiões no rap*. Revista Unitas, v. 9, n. 2, p.104-127, 2021.

_____. *Um corpo herético no rap: Uma teopoética erótica em Alice Guél*. Mandrágora, v. 26, n. 2, p. 31-57, 2020.

_____. *Rap e religião: análise do imaginário religioso em Racionais Mc 's*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Diretoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2022.

SALGADO, Marcus Rogério. *Entre ritmo e poesia: rap e literatura oral urbana*. Revista Scripta, v. 19, n. 37, 2º sem. 2015.

SANTOS, Sandra Mara Pereiros. *Relações de Gênero no cenário do rap brasileiro: mulheres negras e brancas*. Colóquio Internacional Culturas Jovens Afro-Brasil



América: Encontros e Desencontros. Anais do Primeiro Colóquio Internacional Culturas Jovens Afro-Brasil América: Encontros e Desencontros. São Paulo, abr. 2012.

SCOTTON, Raquel Turetti. *Um talo de arruda que vale uma floresta: As representações sociais das religiões afro nas letras de rap*. Juiz de Fora, 2019. 155 p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019. [Orientada pela Prof^ª Dr^ª. Sônia Regina Corrêa Lages].

SILVA, José Carlos Gomes. *Arte e educação: a experiência do movimento Hip Hop paulistano*. In: Rap e educação, rap é educação ANDRADE, Elaine Nunes (org.). São Paulo: Summus, 1999.

SILVA, Maria Aparecida. *Projeto Rappers: uma iniciativa pioneira e vitoriosa de interlocução entre uma Organização de Mulheres Negras e a juventude no Brasil*. In: Rap e educação, rap é educação. ANDRADE, Elaine Nunes (org.). São Paulo: Summus, 1999.

SOUSA, Luis Fernando de Carvalho. *O êxodo profético do rap: Mano Brown e Racionais Mc's sob um olhar teológico pluralista*. In: (org.) RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. O princípio pluralista em debate. São Paulo: Recriar, 2021.

SOUZA, Ana Lucia Silva. *Letramentos de Reexistência: culturas e identidades no movimento hip hop*. Campinas/SP, 2009. 219p. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

_____. *Letramentos de Reexistência: Poesia, Grafite, Música, Dança: Hip-Hop*. São Paulo: Parábola, 2011.

TEPERMAN, Ricardo. "O rap radical e a 'nova classe média'". *Psicologia USP*, n.1, v.26, p. 37-42, 2014.

TELLA, Marco Aurélio Paz. *Rap, memória e identidade*. In: Rap e educação, rap é educação ANDRADE, Elaine Nunes (org.). São Paulo: Summus, 1999.

TAKAHASHI, Henrique Yagui. *Evangelho segundo Racionais Mc's: ressignificações religiosas, políticas e estético-musicais nas narrativas do rap*. São Carlos, 2014. 160 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia) Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014. [Orientado por Prof. Dr. Gabriel de Santis Feltran].

TEPERMAN, Ricardo Indig. *Tem que ter swing: batalhas de freestyle no metrô Santa Cruz*. Dissertação (mestrado em sociologia), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo. p.274, 2011.

TOBIAS, Vinicius. *Os yoguins do séc. XXI: o aprendiz orientalista pós-tradicional na música de BNegão e Walter Franco*. Juiz de Fora, 2018. 164 p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018. [Orientado por Prof. Dr. Marcelo Ayres Camurça].



ULRICH, Claudete Beise; GONÇALVES, José Mário. *O estranho caso do Ensino Religioso: contrações legais e questões epistemológicas*. Estudos Teológicos, São Leopoldo, v.58, n.1, p.14-27, jan./jun., 2018.

UMBELINO, Tâmara Lis Reis. *Hip Hop Gospel como ferramenta de visibilidade para jovens negros pobres e evangélicos*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Juiz de Fora, 2008.

ZIBORDI, Marcos Antônio. *O rap como religião de salvação*. Comunicação e Inovação, São Caetano do Sul, v.14, n. 27, p.83-88, jul-dez, 2013.

_____. *Hip hop paulistano, narrativa de narrativas culturais*. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Escola de Comunicação e Arte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.